

18/5/1984

Canavieiros terminam greve

Guariba (SP) — A greve dos 10 mil bóias-frias de Guariba terminou ontem com acordo. A maioria de suas 21 reivindicações foi atendida pelas quatro grandes usinas de açúcar da região e mais 320 pequenas e médias fazendas de fornecedores de cana. Com braços levantados, três mil cortadores de cana reunidos em assembléia aprovaram por unanimidade a volta ao trabalho a partir de 6h de hoje, depois de 3 dias parados.

O acordo foi considerado sem precedentes nas relações trabalhistas entre bóias-frias e empregadores de São Paulo. O Secretário do Trabalho de São Paulo, Almir Pazzianoto, comparou-o ao acordo de 1978 entre a indústria automobilística e os trabalhadores de São Bernardo, também feitos à margem das negociações tradicionais. O fornecedor de cana Roberto Rodrigues, dono da Fazenda Santa Isabel, observou: "Foi uma conquista revolucionária a aceitação de um novo estado de coisas". As negociações duraram seis horas.

Fogo

A reunião de ontem foi no Sindicato Rural de Jaboticabal, a 15 quilômetros de Guariba, com participação de três sindicatos de trabalhadores da região. Mas decisão de voltar a negociar o término da greve já havia sido tomada no dia anterior, quando os dirigentes das quatro grandes usinas da região reuniram-se na Usina São Carlos. Inicialmente, nova rodada de negociações estava prevista somente para a próxima segunda-feira.

A reunião dos dirigentes das Usinas São Martinho — a maior do Brasil, de propriedade do grupo Ometto — e das Usinas Bonfim, São Carlos e Santa Adélia coincidiu com o reinício da violência dos bóias-frias em greve. Na madrugada de ontem, eles atearam fogo a três canaviais (dois da Usina São Carlos e um da Usina Bonfim), mas o incêndio foi contido por carros-pipas dos próprios fazendeiros e pela chuva que caiu antes do amanhecer.

A violência dos bóias-frias, que no primeiro dia da greve havia provocado depredações, com o saldo de um morto a tiro e 28 feridos, havia diminuído na última quarta-feira. Voltou a se intensificar na madrugada de ontem, com o fogo nos canaviais e pedradas em automóveis na estrada, que atingiram até uma viatura da Polícia Rodoviária, ferindo um soldado. Grupos com paus e pedras também atiraram carros que passavam pelo Bairro Alto, ponto de maior concentração de cortadores da cana de Guariba.

Calma

Ontem de manhã, a situação voltou à calma. Às 9h, uma assembléia no estádio de futebol da cidade teve a participação de 2 mil cortadores de cana. Os oradores pediram que evitassem depredações e violências, mas defenderam a continuidade da greve. Um dos que subiram ao palanque foi o Padre José Domingos Bragueto, coordenador da Comissão Pastoral da Terra. Com punhos cerrados, ele gritava: "A greve continua, a greve continua".

No final da assembleia, os bóias-frias se dispersaram, com instruções para voltarem ao estádio após o fim da negociação que se desenvolvia no mesmo horário no Sindicato Rural de Jaboticabal. Os cortadores de cana permaneceram em calma até a nova assembléia, às 16h30min.

O Secretário do Trabalho Almir Pazzianoto observou ontem que o acordo aprovado pela assembléia deverá se estender às outras regiões rurais do Estado, "pois servirá como modelo". O presidente do Sindicato Rural de Jaboticabal, Luís Amilton Montans, fornecedor de cana às

usinas, reconheceu que os empregadores fizeram concessões, mas observou: "A situação que atravessamos é muito grave". Segundo ele, os fornecedores lutarão agora para melhorar o preço da tonelada de cana às usinas, hoje em torno de Cr\$ 11 mil.

A assembléia que aprovou o acordo foi conduzida pelo Vereador Leopoldo Paulino, do PMDB de Ribeirão Preto. Ele ameaçou com nova paralisação, se as cláusulas não forem cumpridas. Também discursou o Secretário do Trabalho, Almir Pazzianoto.

Principais itens do acordo

- Cana até 18 meses passa de Cr\$ 1 mil 400 (incluindo Cr\$ 200 de descanso semanal remunerado) para Cr\$ 1 mil 740 a tonelada (aumento médio de 40%). Cana acima de dois anos passa de Cr\$ 1 mil 400 para Cr\$ 1 mil 660 (incluindo descanso semanal remunerado de Cr\$ 240). O bóia-fria ganhava de Cr\$ 80 a Cr\$ 150 mil por mês, dependendo da produtividade; Agora, ganhará de Cr\$ 240 a Cr\$ 350 mil.
- Empregador fornecerá gratuitamente facões, enxadas e limas (antes estes equipamentos eram comprados pelos cortadores, a um preço médio entre Cr\$ 4 mil e Cr\$ 6 mil cada peça).
- Transporte gratuito até o canavial.
- Fornecimento gratuito de luvas e tornozeleiras de couro para evitar cortes.
- A produtividade do cortador será medida diariamente e o empregador fornecerá ao final de cada jornada comprovante discriminando o total cortado em metros e não mais em toneladas.
- O empregador fornecerá envelope de pagamento, no dia de pagamento do salário, com o nome do empregado e a discriminação de sua produção durante o mês ou a quinzena. O empregador pagará o dia em que o trabalho não pôde ser realizado por causa de chuva (antes, isso não acontecia) ou qualquer outro imprevisto, desde que o cortador esteja no local de trabalho. (Pelo sistema anterior o cortador perderia este dia.)
- O registro em carteira será obrigatório. (Isto já era praticado pela maioria das usinas.)
- Se o cortador ficar doente, a empresa pagará o seu salário normalmente durante 30 dias. O sistema de corte foi reduzido de sete ruas para cinco ruas. Os caminhões para transporte de bóias-frias serão obrigatoriamente fechados e com bancos, e as ferramentas não poderão ir acompanhando o cortador.
- A medição de área da produtividade do cortador não será mais feita em tonelada, mas em metros, e medida pelo compasso especial de dois metros. O empregador não poderá descontar do salário a indenização, férias e 13º, que paga ao final da safra.

(Página 4)